

UM OLHAR SOBRE A PSICOMOTRICIDADE EM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

Camilla Mendes de Melo Silva

Universidade Federal de Campina Grande

camillamendesmelo@gmail.com

Orientadora: Prof. Elaine Custódio Rodrigues Gusmão

Universidade Federal de Campina Grande

Este trabalho trata-se de um relato de experiência que busca explorar a importância das atividades de intervenção desenvolvidas no Estágio Supervisionado Básico I, componente curricular do curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), realizado na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Campina Grande (APAE). Tem como objetivo conhecer as potencialidades e habilidades necessárias para o desenvolvimento infantil das crianças com Síndrome de Down, assim como realizar um trabalho com o grupo de estimulação precoce, voltado à estimulação das capacidades psicomotoras. Participaram do estudo seis crianças na faixa etária de onze meses a um ano e oito meses de idade. As atividades foram realizadas entre julho a outubro do presente ano. Inicialmente foi realizado um levantamento em relação às habilidades psicomotoras de cada criança, para que fosse possível desenvolver as atividades que visassem atender as demandas do grupo. Com base no estudo da Psicomotricidade foi elaborado um plano de ação, o qual consistia em planejar atividades para que fossem trabalhadas junto com as crianças. O intuito destas atividades era promover o desenvolvimento das crianças atendidas. Além disso, eram ensinadas as mães técnicas de estimulação para que fossem trabalhadas e reforçadas em casa junto com a criança. Dessa forma, era possível observar um resultado mais efetivo no desenvolvimento cognitivo e motor das referidas crianças. A experiência nos permitiu conhecer melhor as particularidades do público atendido como também colaborar com significativas experiências para o desenvolvimento psicomotor de cada criança.

Palavras-Chaves: Estimulação Precoce, Desenvolvimento Neuropsicomotor, Síndrome de Down.

1. Introdução

O desenvolvimento humano é um complexo processo pelo qual a criança vai adquirindo habilidades na medida em que vai amadurecendo. Sendo assim cada ser humano é único em seu jeito de ser, mas se desenvolve a partir da interação entre os mais variados fatores: biológicos, culturais, ambientais e psicológicos, estando o desenvolvimento implicado pelo efeito que as condições positivas ou negativas desses fatores influenciam Down McConnaughey e Quinn (2007 apud RODRIGUES, 2008, p.26).

Bissoto (2005 apud RODRIGUES, 2008, p.27) ressalta que o desenvolvimento da criança com síndrome de Down é resultante das influências dos fatores culturais, sociais, biológicos e genéticos assim como qualquer outra criança que não possui essa condição, bem como o surgimento das habilidades, potencialidades e dos aspectos afetivos que se relacionam com o processo de aquisição de aprendizagem. Enfatiza que embora as crianças com síndrome de Down possuam características típicas de seu processo de desenvolvimento não quer dizer que elas terão um comportamento preditivo e uniforme.

Ainda nesse sentido Rodrigues (2008) demonstra que existem diferentes áreas as quais estão relacionadas entre si e que podem ser compreendidas no processo de desenvolvimento da criança: linguagem, auto-cuidado, motricidade ampla e fina, sensorial, cognitiva e social, lembrando que cada uma possui uma sucessão de desenvolvimento. Assim é imprescindível demonstrar que as crianças com síndrome de Down desenvolvem habilidades necessárias em cada uma dessas áreas, entretanto o modo de aprendizagem percebido é vivenciado diferente em cada criança. Bem como uma criança que não possua a síndrome pode apresentar um maior espaço de tempo para assimilar algo em seu desenvolvimento inerente à outra criança, lembrando que o ritmo é algo único em cada criança com SD. Logo é de extrema importância ter um olhar mais profundo sobre as limitações e potencialidades que o desenvolvimento permite alcançar de maneira particular em cada criança.

Sendo assim a constituição de expectativas no desenvolvimento no que diz respeito à criança com síndrome de Down, com base em Lipp et al (2010, p 371-372) “ é influenciada por inúmeras variáveis, tais como: a forma como o diagnóstico é revelado, a condição psíquica da mãe e da família, o apoio do entorno familiar, dentre outros.” Cabe salientar que diante das informações trazidas muitas vezes pelo diagnóstico os pais podem gerar um aspecto negativo diante das



expectativas que vão ser construídas no decorrer da vida da criança, muitas vezes podem gerar sentimentos de super-proteção e impossibilidades. É por isso que o momento do diagnóstico trazido pelos autores é de extrema importância na construção do desenvolvimento, assim como possuir um olhar reflexivo diante do processo de desenvolvimento da criança.

Diante disso Matos et al. (2007) enfatizam que existem evidências que afirmam a importância da estimulação precoce na construção de um novo padrão de comportamento em pessoas com SD, inclusive podendo levar a uma modificação funcional positiva. Nesse sentido é importante que intervenções psicomotoras de caráter pedagógico sejam capazes de contribuir para a redução das dificuldades apresentadas pelos portadores de SD. Os autores acrescentam que mesmo com a variação do determinismo genético entre os portadores de SD, o indivíduo não deve ficar preso a esta condição, mas deve ser inserido como pessoa capaz de produzir por meio de terapias pedagógicas que auxiliem no desenvolvimento de suas capacidades físicas, cognitivas e psicomotoras.

Segundo Neves (2012) a Psicomotricidade refere-se à análise do homem nas suas relações com seu corpo, em movimentos organizados e em função de suas vivências, linguagens e o meio físico. É através do movimento que o sujeito pode conhecer e interagir com o mundo, nesse sentido, segundo Fonseca (1998, apud AGUIAR, 2007, p.2) “a psicomotricidade é, hoje, concebida como a integração superior da motricidade, produto de uma relação inteligível entre o sujeito e o meio, e é instrumento privilegiado através da qual a consciência se forma e se materializa.”

Tendo em vista que a psicomotricidade, a inteligência e a emoção são elementos que estão interligados, a atuação do psicólogo nesse contexto é pertinente e importante, pois este pode atuar como um agente estimulador de diversas atividades que envolvam o desenvolvimento psicomotor de cada indivíduo. A intervenção precoce em crianças com SD é de fundamental importância para ajudá-las a alcançar novas fases do desenvolvimento. Diante disso, torna-se imprescindível a atuação dos profissionais de saúde junto as famílias, afinal o trabalho de estimulação precoce precisa ser também vivenciado em casa. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é apresentar de que forma a atuação do profissional de psicologia, em um contexto multidisciplinar, pode contribuir com atividades que favoreçam o desenvolvimento infantil da criança com Síndrome de Down.



2. Metodologia

Trata-se de um relato de experiência feito a partir da Disciplina Estágio Supervisionado Básico I, do curso de Psicologia, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). O estágio aconteceu no período entre 18/07/2016 a 03/10/2016, nas segundas-feiras, computando com oito horas semanais de atuação em campo, duas horas de supervisão em sala de aula com o orientador e uma hora para registro de atividades. O referido campo de estágio (APAE) é uma instituição que presta atendimento clínico e educacional para a população portadora de deficiência intelectual da cidade de Campina Grande/PB e região. O grupo selecionado para a realização desse estudo foi o de Estimulação Precoce composto por seis crianças com Síndrome de Down na faixa etária entre 11 meses a um ano e oito meses de idade, cada criança era acompanhada por suas mães.

Para que cada criança pudesse alcançar os objetivos trazidos pelas nossas intervenções aplicamos de diferentes maneiras os materiais ofertados buscando oferecer as condições necessárias que se adequassem a cada situação. Nosso encontro com o Grupo de Estimulação Precoce foi realizado no horário de 08h30min as 09h10min no próprio ambiente de estimulação. Embora o tempo fosse considerado insuficiente para o trabalho com seis crianças, as atividades foram realizadas com muito êxito e sempre ao final de cada intervenção fazíamos um feedback junto com a profissional de Psicologia da Instituição que sempre nos acompanhava. Nesse momento, era discutido sobre a importância de estimular as crianças diariamente para que as fases que comportam o seu desenvolvimento pudessem ser alcançadas.

2.1 Procedimentos (Instrumentos e Intervenções realizadas)

Para cada encontro realizado foram pensadas atividades que estimulassem suas capacidades psicomotoras de acordo com as dificuldades mais apresentadas e as habilidades necessárias. Todas as semanas foram levadas diferentes atividades, as quais tinham como objetivo trabalhar os diferentes elementos da psicomotricidade (coordenação ampla e fina, percepção tátil, percepção visual, tonicidade, equilíbrio entre outros) e em contrapartida fatores como afetividade, atenção e socialização, de acordo com as particularidades de cada criança.

Os instrumentos e materiais utilizados que nortearam nossa prática no decorrer dos encontros foram: papel 60 kg, tinta guache atóxica, bolinha de isopor, fita crepe, caixa de papelão,



bolas de variados tamanhos, folhas de revistas, cones, músicas infantis, espelho, hidratante corporal, giz de cera e brinquedos de encaixe. Além desses materiais, utilizamos em certo momento com as mães, plaquinhas de papel com palavras referentes aos sentimentos, emoções atitudes e valores.

Em cada encontro era essencial que as mães pudessem participar junto com os filhos das atividades, estimulando e interagindo com o grupo. Sempre buscávamos no decorrer dos encontros estimular as mães a dizer suas opiniões em relação às atividades realizadas, bem como incentivávamos a produzir alguns brinquedos psicomotores em suas próprias casas para serem utilizados com seus filhos. É importante frisarmos que no momento inicial as atividades e procedimentos, estavam direcionados para o trabalho com as mães, pois diante das demandas percebidas no período de observação, era preciso intervir com elas antes de praticar as atividades com seus filhos.

Como método de avaliação das atividades realizadas foi utilizado o diário de campo, o qual tinha contido as anotações colhidas no decorrer de cada atividade realizada com as crianças, bem como as reflexões advindas sobre o olhar do estagiário de psicologia diante da sua prática.

3. Resultados e Discussões

O objetivo das atividades desenvolvidas no grupo de estimulação precoce foi de incentivar por meio de variados estímulos a capacidade da criança com SD alcançar determinadas fases do desenvolvimento. Fizemos isso através de atividades que orientassem as mães a estimular precocemente as capacidades e habilidades de seus filhos em atividades diárias. Através das atividades realizadas nos encontros podemos notar que cada criança tem seu ritmo de apreender e perceber determinado estímulo. Por meio das pesquisas é possível constatar que as crianças com síndrome de Down possuem alguns aspectos característicos: hipotomia, membros mais curtos em relação ao tronco, articulações mais frouxas, sensibilidade tátil e mãos pequenas (Movimentos Down, 2013).

Além disso, percebemos que cada criança tem sua sensibilidade, tem o seu jeito de vivenciar as experiências com o outro e com o mundo. Sendo assim, é preciso respeitar a criança e seus horários de sono, de fome, de estresse, buscando o melhor momento para realizar qualquer atividade.

Rodrigues (2008) expõe que no processo de aprendizado da criança é necessário que os pais possam perceber a forma como seus filhos apreendem os estímulos que o meio possibilita, assim





como avaliar as habilidades que possuem bem como as dificuldades contribuindo assim para o bom desempenho do desenvolvimento da criança.

Sendo assim o trabalho de início foi realizado com as de acordo com as necessidades apresentadas no momento de observações, as quais incluíram a vivência das seguintes temáticas: 'Quem sou eu, 'Palavras de superproteção', bem como roda de conversa sobre a vacina Palivizumabe, técnica de relaxamento e massagem corporal (com intuito de fortalecer o vínculo entre mães e crianças durante as intervenções). Nas atividades com dinâmicas, algumas mães se sentiam a vontade para falar e outras não, mas que no decorrer da conversa elas acabavam relatando alguma experiência ou trazendo alguma dúvida. Nesses momentos, exclusivos para as mães, tivemos certa dificuldade em fazê-las se concentrar na atividade, pois elas não conseguiam se desligar dos filhos e demonstravam preocupação, pois as crianças ficavam sob os cuidados de profissionais e estagiários.

Na roda de conversa sobre superproteção trouxemos diversas palavras escritas em um papel como: medo, preconceito, atitude, superproteção, abrigo, segurança, suporte, apoio, afeto, dedicação entre outras. Identificamos na atividade trabalhada alguns aspectos voltados para sentimentos de apego e segurança com os filhos. As mães apresentaram o sentimento de medo em relação ao mundo em que suas crianças estão inseridas, bem como demonstravam preocupação em relação ao preconceito, sendo muito importante para elas o fato de poder se expressar e de serem ouvidas pela sociedade.

Na atividade de relaxamento, utilizamos a apresentação do vídeo sobre a (técnica da Shantala o qual consiste em aplicar por meio de toques suaves massagens em todo o corpo do bebê com o auxílio de óleos corporais que propiciem o deslizamento das mãos ajudando assim a promoção de uma relação de vínculo). Propiciamos por meio da massagem e do relaxamento a sensibilização do tocar afetivo da mãe no corpo da criança, com movimentos relaxantes. Para tanto, foi orientado o toque nos braços, nas pernas, nos pés envolvendo todo o corpo, proporcionado um momento prazeroso de harmonia física e mental entre a criança e a mãe. Desta forma, a noção de espaço corporal foi aos poucos sendo trabalhada, pois as crianças poderiam adquirir com o toque das mães a ideia de como são seus pés, seus braços, suas mãos, seu rosto etc. Essa atividade, por ter sido realizada em um dos nossos primeiros encontros, de certa forma nos surpreendeu, afinal estávamos acostumados a encontrar um grupo de mães mais introspectivas e tínhamos o receio delas não estarem dispostas a reproduzirem as técnicas ensinadas no vídeo. Porém, quando





colocamos a música de relaxamento e propusemos que elas realizassem o toque com seus filhos, todas se mostraram abertas a tentar e o resultado foi extremamente positivo: todos eles se acalmaram e estabeleceram um contato visual e físico muito intenso com suas mães.

Estabelecida a relação de vínculo, de afetividade e de confiabilidade com as mães e as crianças, partimos para o processo de estimulação do desenvolvimento cognitivo e neuropsicomotor. Nesse momento foi necessário trazer o brincar através de ferramentas que os estimulassem, fazendo a integração do trabalho das atividades motoras com a prazerosa sensação da brincadeira e da descoberta.

Almeida (2014, p.103) afirma que:

o conhecimento do corpo feito de forma fragmentada, abstrata, restrita e levando-se em consideração somente o quantitativo pode simplesmente tornar a prática da educação física na idade infantil em apenas uma atividade com finalidade de mensurar quantitativamente [...].

Nesse sentido trabalhar diversas formas de atividades pode atrair a criança fazendo com que ela perceba o outro e o meio por meio de seus próprios movimentos. Por meio do reflexo a criança reconhece sua própria imagem corporal desenvolvendo assim a noção de consciência corporal (Movimentos Down, 2013).

Seguindo essa linha de trabalho utilizamos a atividade do espelho, que consistia em colocar a criança em frente ao espelho para que ela pudesse visualizar sua imagem, com a ajuda de um estímulo tátil como, por exemplo, o hidratante, o qual foi utilizado para facilitar a atenção e a interação da criança com o espelho. O objetivo era estimular as crianças a deslizarem as mãos no espelho contornando sua imagem corporal, com o auxílio das mães, as quais utilizavam através de questionamentos os seguintes estímulos: ‘Cadê o olhinho?’ ‘Cadê o nariz?’ ‘Cadê a barriguinha?’. Estas frases ajudaram as crianças a adquirirem consciência do lugar e do espaço que seu corpo ocupava. O foco dessa atividade estava voltado para o desenvolvimento da noção de consciência corporal e da coordenação visual, bem como a coordenação motora fina e grossa, além de possibilitar, conseqüentemente, a construção da identidade pessoal.

Le Boulch (1982 apud ALMEIDA, 2014. p.28) “afirma que a imagem do corpo representa uma forma de equilíbrio entre as funções psicomotoras e a sua maturidade. Ela não corresponde só a uma função, mas sim a um conjunto funcional cuja finalidade é favorecer o desenvolvimento.”



Nas atividades seguintes utilizamos brincadeiras com bolas, de encaixes, de rasgar papeis, com pinturas a dedo e a giz de cera, bem como proporcionamos alguns desafios, como atravessar um determinado caminho para pegar algum objeto que estava do outro lado do obstáculo. Essas atividades descritas foram elaboradas no decorrer dos encontros, e além da estimulação das funções cognitivas tivemos a oportunidade de envolver alguns elementos psicomotores como a motricidade fina e grossa, percepção espacial, percepção tátil, visual entre outros. Lembrando que a motricidade deve estar acompanhada de afetividade, para que juntos possam desenvolver um trabalho psicomotor (ALMEIDA, 2014).

Na atividade que realizamos de pintura com as mãos, tivemos um rendimento positivo no processo de aquisição da pinça ao manusear o giz de cera, assim como o pintar com as pontas do dedo ao utilizar a tinta guache no papel. Outro momento propiciado às crianças foi o rasgar folhas de revistas bem coloridas, incentivando o estímulo das pontas dos dedos na aquisição do cortar e até mesmo a percepção auditiva e visual ao ouvir o barulho do papel sendo rasgado.

Com os cilindros de encaixe, utilizamos bolas de isopor para que as crianças pudessem ser estimuladas a encaixar a pequena bola dentro do objeto, que foi produzido em cores e desenhos coloridos que chamassem bastante atenção. Nessa atividade apenas duas crianças obtiveram êxito ao encaixar a bola, foi então que percebemos que as outras talvez precisassem de mais estímulos diários. Fizemos a atividade com o auxílio de bolas, na qual eles eram estimulados a jogar a bola uns para os outros ou para suas mães, e também a atividade do desafio utilizando uma caixa de papelão aberta para que a criança pudesse atravessar e pegar a bola que estava do outro lado da caixa. Ambas as atividades tiveram resultados favoráveis ao desenvolvimento das crianças, quase todas conseguiram atravessar o caminho e pegar o objeto esperado, apenas uma criança teve um pouco de dificuldade para engatinhar ou realizar qualquer outro tipo de movimento que o ajudasse a chegar até o objetivo final.

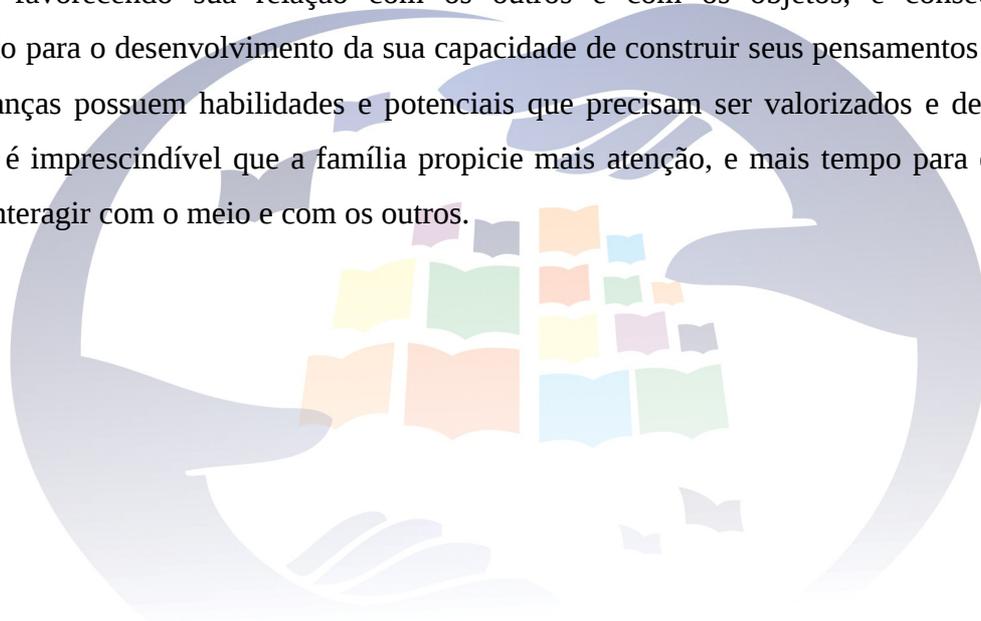
Considerações Finais

Durante o período de estágio vivenciado na Associação de Pais e Amigos do Excepcional de Campina Grande, podemos inferir que o trabalho do profissional de Psicologia transforma o olhar clínico numa perspectiva de clínica ampliada, proporcionando a vivência de novas experiências e conhecimentos. Nesse contexto, a psicomotricidade foi essencial para o trabalho com o grupo de



estimulação precoce. Destacamos a necessidade de a criança ser estimulada desde o nascimento, com o intuito de favorecer o seu desenvolvimento cognitivo, emocional e motor. Diante disso, percebemos que as atividades desenvolvidas além de agradáveis e estimuladoras proporcionaram o fortalecimento do vínculo entre as mães e as crianças, assim como auxiliaram no desenvolvimento delas.

Apesar do tempo limitado, podemos presenciar resultados significativos diante das intervenções propostas para o trabalho na Estimulação Precoce uma vez que foram planejadas atividades necessárias para o desenvolvimento cognitivo e motor dessas crianças. Por conseguinte, utilizamos o lúdico como uma ferramenta essencial a qual propicia a criança o prazer de conhecer a si mesmo, favorecendo sua relação com os outros e com os objetos, e conseqüentemente contribuindo para o desenvolvimento da sua capacidade de construir seus pensamentos e ações. Por fim, as crianças possuem habilidades e potenciais que precisam ser valorizados e desenvolvidos. Entretanto, é imprescindível que a família propicie mais atenção, e mais tempo para estimulá-las, buscando interagir com o meio e com os outros.



REFERÊNCIAS



AGUIAR, O.; SIMAO, L. Psicomotricidade e sua relação com a inteligência e a emoção. Revista Científica Eletrônica de Psicologia, São Paulo, Nov.2007. Disponível em: <<http://faef.revista.inf.br/>>. Acesso em: 08 out 2016.

ALMEIDA, G. P.de. Teoria e prática em psicomotricidade: jogos, atividades lúdicas, expressão corporal e brincadeiras infantis. Wak Editora, Rio de Janeiro, 2014,7ed.

Guia de Estimulação para Crianças com síndrome de Down. Rio de Janeiro: Cadernos Movimento Down, 2014. Disponível em: <http://www.movimentodown.org.br/>. Acesso em: 08 Out 2016.

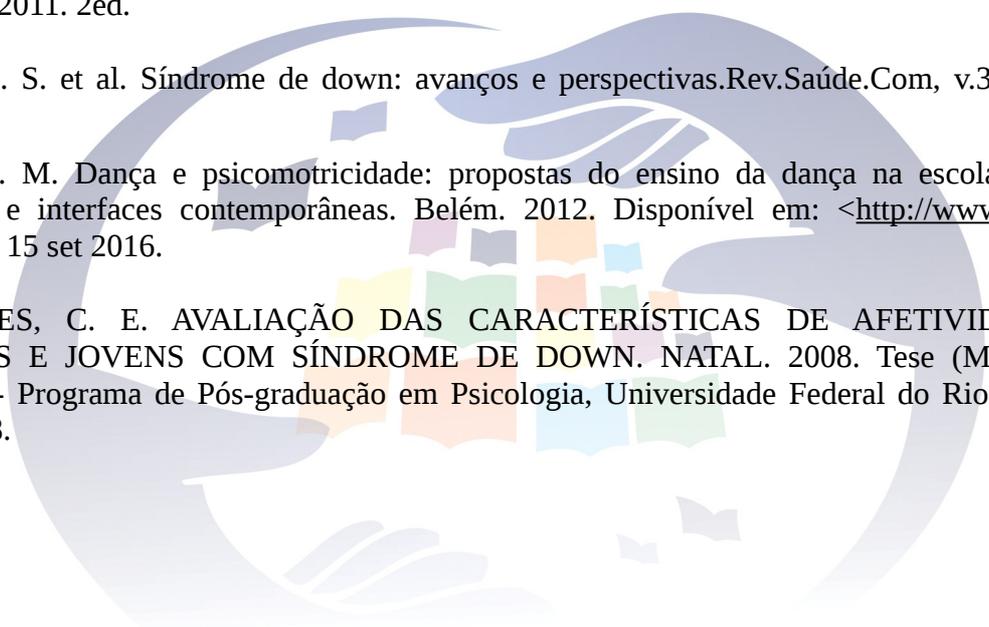
LIPP, K. L.; MARTINI, O. F.; MENEGOTTO, O. M. L. Desenvolvimento, escolarização e síndrome de Down: expectativas maternas. Paidéia, v. 20, n. 47, 2010. p 371-379.

MACHADO, M. R.J. 100 jogos psicomotores: uma prática relacional na escola. Wak Editora, Rio de Janeiro. 2011. 2ed.

MATOS, B. S. et al. Síndrome de down: avanços e perspectivas.Rev.Saúde.Com, v.3, n.(2): 77-86.2007.

NEVES, A. M. Dança e psicomotricidade: propostas do ensino da dança na escola. Culturas, linguagens e interfaces contemporâneas. Belém. 2012. Disponível em: <<http://www.uemg.br/>> Acesso em: 15 set 2016.

RODRIGUES, C. E. AVALIAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DE AFETIVIDADE EM CRIANÇAS E JOVENS COM SÍNDROME DE DOWN. NATAL. 2008. Tese (Mestrado em Psicologia)- Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2008.





II CINTEDI
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016

LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB

